ANNUNCIO.

Tendo cessado de ser no Porto correspondente da empreza da Gazeta dos Tribunaes, e Revista Universal Lisbonense o Sr. José Joaquim Rodrigues dos Santos: roga-se aos Senhores Assignantes dos dictos jornaes, que recebiam por intervenção do mesmo, desculpem a demora até que haja quem o substitua, o que se espera será com a maior brevidade, e que por em quanto até que se indique essa pessoa, qualquer pagamento que pertendam fazer, o façam directamente para Lisboa, e escriptorio da empreza, rua dos Fanqueiros n.º 82; ou a demorem até que se publique quem é o novo correspondente no Porto.

EXPEDIENTE.

No primeiro numero daremos a carta do Sr. O. C. sobre a illuminação de Lisboa, em que os representantes do publico, e os propostos empresarios do gaz acharão egualmente factos e raciocinios para seu aproveitamento. Annuncio que fasemos (não podendo publicar hoje a carta), para prevenção dos interessados aos quaes ficamos promptos para a mostrarmos desde já se lhes convier consultal-a.

—Para outro numero, tambem por falta de espaço hoje o artigo *Sepulchro de Napoleão* pelo Sr. João Maria Soeiro; e o do Constante Leitor sobre *morgados*.

—Por nos ter chegado já tarde fica transferido o juizo do Sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, ácerca do drama Brazia-Parda e sua representação,

CONHECIMENTOS UTEIS.

EXCELLENTE ASPHALTO PORTUGUEZ.

Carta ao Exm.º Sr. Visconde de Villarinho.

3949 Illm.º e Exm.º Sr. — Como V. Ex.ª é tão animador da industria nacional e amigo de dar a conhecer os productos que mais uteis e proveitosos são ao paiz; tomo a liberdade de lhe mandar uma amostra do Asphalto Natural, que se extrahe da mina novamente descoberta na praia de Azecha, conselho de Alcobaça, conhecido debaixo do nome de Asphalto Natural de Alcobaça, a fim de V. Ex.ª poder vêr que é egual, senão superior, ao Asphalto Francez de Seyssel, e ao mesmo tempo lhe mando um annuncio pedindo-lhe o obzequio de dar a conhecer no tão acreditado jornal, de que V. Ex.ª é um dos mais distinctos collaboradores, as vantagens d'este novo ramo da industria portugueza, o que será mais um motivo para me confessar com toda a estima e consideração, de V. Ex.ª muito attento venerador e amigo obrigado: — Illm.º e Exm.º Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. — Lisboa 20 de fevereiro de 1845. — *Marquez da Bemposta Subserra.*

Noticia sobre a pedra asphaltica e betuminosa da mina d'Alcobaça descoberta no anno de 1843.

O bitume conhecido debaixo do nome de pedra asphaltica ou asphalto de Seyssel, ha muitos annos que se achou em França, e foi applicado a infinitas obras com extraordinario proveito: o seu uso se derramou por toda a Europa. A Inglaterra, Allemanha, Russia, Italia, Portugal, e outros estados do globo, tem importado esta producção da industria da França, e o bom exito das muitas experiencias que se fizeram teve approvação geral.

No anno de 1843 se descobriu na praia de Azecha em Valle de Paredes, concelho de Alcobaça uma mina da mesma casta de bitume, e ainda superior ao de Seyssel por sua rigesa, e por conter uma porção maior de alcatrão mineral.

As experiencias do dicto asphalto natural de Alcobaça foram já feitas em Lisboa, e as applicações que se fizeram no palacio de Bragança (rua do Thesoiro Velho), nas reaes cavalhariças de Belem, na alfandega grande de Lisboa, na quinta do Farrobo, etc., etc., deram optimos resultados, e mostraram que o asphalto portuguez natural é, pelo menos egual, se não superior ao de Seyssel. E' evidente o proveito da exploração d'este excellente bitume, que será para Portugal um novo ramo de industria, cuja utilidade se acha sanccionada pelas seguidas experiencias mandadas fazer, e approvadas pelas corporações scientificas de França nas obras publicas desde o anno de 1817.

Muitas tentativas se tem feito para imitar o asphalto natural com o bitume artificial; mas n'estas operações o calcareo asphaltico tem sido substituido por materiaes como cal, arêa, e outras substancias, que não tendo affinidade alguma com o alcatrão mineral, se separam d'elle com o tempo, e dão uma composição, que o sol abranda, e o frio racha.

O asphalto natural não tem estes inconvenientes; pois que logo depois de estendido toma toda a sua dureza, conservando porém certa elasticidade, que lhe permitte amoldar-se sem se quebrar aos movimentos, que soffre o madeiramento, ou a alvenaria sobre que se applica e resiste perfeitamente ao andar; de maneira que os cavallos, e as carruagens pódem passar por cima sem o quebrar. Elle é impenetravel á agua, e apezar de estar continuamente exposto ás injurias do tempo, em logar de se damnificar torna-se, por assim dizer, mais incorruptivel.

A acção do ar o contrahe e consolida, sem o gretar nem derreter com os maiores calores do sol: elle é muito mais proprio que nenhuma outra coisa para cimentar as madeiras, pedras, pontes, tanques, cisternas, chafarizes e outras obras hydraulicas. Elle preserva dos ratos, dos reptís, do gorgulho, e da humidade as tercenas, celleiros, e armazens que servem de deposito aos generos, que a humidade e os bichos deterioram, e deverá ser tambem procurado para passeios, lageamentos, eiras, cavalhariças, etc., etc., porque tem além de outras vantagens, a de não necessitar de reparação alguma.

Convém tambem muito para lageas de adegas, e depositos de vinhos e aguas-ardentes por ter a vantagem — 1.º de poderem rollar alli barrís sem receio de arruinar o lagedo — 2.º não havendo humidade no sólo, é mais segura a conservação das vasilhas — 3.º no caso de algumas vasilhas verterem o liquido que escôa, póde aproveitar-se, se houver o cuidado de dar os declivios necessarios ao pavimento, e de collocar alli de distancia em distancia reservatorios ou depositos; porque não tendo o asphalto (depois de applicado) gosto ou cheiro, não póde alterar a qualidade dos liquidos, que contém.

A asphalto natural applicado sobre os madeiramentos preserva as partes que cobre da filtração das aguas

e do caruncho com menos despeza, do que se tem podido alcançar recorrendo á telha, ou aos metaes empregados até hoje: a sua duração não tem fim, e a reparação de que póde necessitar em consequencia da damnificação inevitavel de todos os edificios, ou por um caso accidental, se faz com muita facilidade: basta só removel-o, tornal-o a derreter e collocal-o; tem egualmente a grande vantagem de pesar menos sobre os edificios, e de evitar por isso a despeza de um madeiramento mais forte, e por consequencia mais caro, e de resistir aos effeitos dos ventos, e temporaes.

Os empresarios que obtiveram do governo de Sua Magestade a concessão da mina de Alcobaça, tendo recebido os materiaes para se poder pôr em pratica este novo e tão vantajoso ramo de industria portugueza, annunciam que as pessoas que se quizerem utilisar d'elle, deverão dirigir-se ao escriptorio da empreza, rua direita do Arsenal n.° 7, 1.° andar.

CEVADINHA E MODO DE A DESCASCAR.

Condescendendo com os nossos rogos, teve o Sr. Tinelli a bondade de escrever o seguinte artiguinho e de consentir que em seu nome o publicassemos, por ser, diz elle, tão simples a invenção d'esta machina, que não seria pera maravilhar que já na arca de Noé se servissem d'ella: simples ou não, trivial ou não, como é util e nova para nós, ao publico a apresentamos, como um novo presentinho do Sr. Tinelli, e uma prova mais de quanto elle estrangeiro se interessa na prosperidade d'este reino. —

3950 Ha muitas variedades de cevadinha, «*Hordeum*» de Linneo, «*Orge*» em francez, «*Orzo*» em italiano, e «*Basley*» em inglez. As principaes são *Hordeum distichon*, ou cevadinha d'Allemanha, que é a mais conhecida em Portugal. A *Hordeum zeocriton*, que é mais rija que a precedente, serve tambem para fazer pão. Mas a qualidade que é cultivada com o maior proveito na Italia, e nos departamentos meridionaes da França, e é optimo supplemento do arroz, é o *Hordeum celeste* de *Linneo*: *orge nue* dos francezes. E' um grão maior e mais oblongo que o da cevadinha geralmente conhecida em Portugal, e dá duas colheitas por anno.

O methodo seguido na Italia para tirar a pellicula ou casca d'este grão é muito simples e de pouca despeza.

Em quasi todos os moinhos de aldeia ha duas pias de granito ou de outra pedra, uma ao lado da outra, em forma de morteiros ou graes de palmo e meio de diametro, com dois palmos de profundidade e n'esses morteiros se mette a cevadinha, e dois cylindros de carvalho levemente convexos na extremidade, e de um diametro pouco menor que o dos morteiros: sendo movidos por uma roda tocada por agua, a braço, ou de qualquer outro modo, caem perpendicularmente sobre os morteiros. A casca da cevadinha, que não é naturalmente muito rija, fende-se sob o peso e do motu continuo dos cylindros, sem que o grão fique nem pouco nem muito quebrado. — Separa-se depois o grão da casca e do pó com joeira. —— *L. W. Tinelli.*

PROCESSOS PARA RECONHECER OS VINHOS FRAUDULOSAMENTE CORADOS.

3951 A côr dos vinhos tinctos provém da materia corante azul, espalhada nas pelliculas de uvas propriamente pretas, que é avermelhado pelo acido livre do suco da uva, e se vae dissolvendo á proporção que este experimenta a fermentação alcoolica, e se transforma em vinho. O sabor adstringente, que tem é devido ao acido tannico produzido pela fermentação do bagaço. Todavia o methodo mais certo para verificar as côres dos vinhos consiste; segundo M. Nées de Esenbeck em faser duas dissoluções: 1.ª uma parte de alumen, (pedra hume) em onze partes de agua distillada; a 2.ª uma parte de carbonato de potassa (potassa do commercio) em oito partes de agua distillada. Ajuncta-se ao vinho, que se quer experimentar um volume egual ao seu da discolução 1.ª; depois vae se misturando pouco a pouco a 2.ª dissolução; tendo cuidado de não precipitar a totalidade do alumen. A alumina precipitando-se une-se á materia corante do vinho, e dá com aquelle, que tem uma côr natural uma especie de laca de um pardo escuro assimilhando-se mais ou menos ao vermelho (cor da borra); um excesso de alcali torna a dissolver uma parte do precipitado, e o faz pardo acinzentado. Nos vinhos novos, o precipitado formado nas circumstancias expendidas mais acima, se distingue pela cor verde, que toma em contacto com um excesso de potassa.

Segundo o auctor, o vinho tinto com mistura de um principio corante estranho apresenta com o mesmo reagente, as cores seguintes:

Vinho corado com a papoula dormideira: precipitado pardo atrigueirado, passando a negro por um excesso de alcali.

Vinho corado pelas bagas do alfeneiro: precipitado roxo escuro.

Vinho corado pelas bagas da murta: precipitado pardo azulado.

Vinho corado pelas bagas do sabugueiro: precipitado roxo.

Vinho corado pelo páu do Brazil: precipitado roxo pardo.

Vinho corado pelo páu da India: precipitado rosado.

Emquanto á presença do acido tannico, ou taninho nos vinhos póde ser observada pela dissolução dos saes de peroxido de ferro, que muda a cor vermelha em negro pardo, ou negro violete, e pela precipitação da solução de gelatina.

Conclue pois o auctor de suas experiencias, que todos os vinhos, que, tractados pela solução do alumen (pedra hume) e da do carbonato de potassa (potassa do commercio,) produzirem precipitados, azues, roxos, ou rosados, devem considerar-se falsificados de cor artificial com materia estranha á cor propria do vinho. Todavia o auctor egualmente observou, que, a materia corante das bagas do phytolacca de candria se comporta como os reagentes com a materia corante dos vinhos, e que se torna muito difficil de a descobrir n'estes. —— *Isidoro José Gonçalves.*

APANHA DA AZEITONA E FABRICO DO AZEITE.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES ÁCERCA DO ARTIGO 3823, CONCLUIDO A FOLHAS 331, ASSIGNADO POR UM LAVRADOR DE TRAZ-OS-MONTES.

(*Carta.*)

3952 A LEITURA do apontado artigo sobre cultura das oliveiras, varejo, apanha, e entulhação d'azeito-

---

(*) Esta planta cresce no Algarve, e Monchique: tem applicação em medicina e não seria máu indagar as suas propriedades; tem grande uso nas artes, principalmente na tinturaria. Chama-se-lhe herva dos cachos da India, ou tintureira. Tem uma linda cor vermelha.

na, em que se impugna a doctrina corrente, e scientifica dos Srs. Verissimo, e Forrester sobre aquelles processos agrarios, incitou-me a vir, ante o publico, corroborar os sabios conselhos d'aquelles illustrados observadores, com a exposição da pratica geralmente seguida n'este districto de Castello Branco, que é conforme ao que recommendam os dictos Senhores; e que muitos sabios haviam ensinado — assim Dalla-Bella, e seu annotador Trigozo. — Diccionrio d'Agricultura extrahido do Rosiers por Soares Franco etc. etc.

Em 15 municipios d'este districto se colhem á mão com escadas as azeitonas em centos, e centos de milhares d'oliveiras; muitas d'ellas tão altas e corpulentas, como castanheiros. — Limpam-se, e pódam-se as mesmas de modo, que sem difficuldade se faz a colheita á mão, sacudindo-se apenas com uma pequena vara as sumidades, ou cocucutos das arvores mais elevadas, e alguns ramos, (mas raros são), onde senão podem encostar as escadas por serem elles delgados, e fracos. Todos os lavradores querem a sua azeitona moida nos primeiros oito dias em que a colhem, e a maior parte d'ella vae do olival para o lagar, excepto a dos donos de lagares, que pelo errado engodo de alguns alqueires de azeite, que lhes ganha o lagar, desfazem primeiro a dos freguezes: deixando a sua para o fim; — assim o azeite d'estes é inferior em qualidade. — D'esta pratica resulta, que as nossas oliveiras no fim da colheita estão bem vestidas de ramos, e viçosa folhagem; succedem-se muitas vezes colheitas abundantes, sendo rarissimas as estereis, quando nos fertillissimos campos da Estremadura, e nos arredores de Coimbra são alternadas, o que se attribue ao varejo.

O nosso azeite é excellente, rivalisa com o melhor da Italia, e França, e por isso é muito accreditado no Porto, (para onde exportamos quanto nos sobeja do nosso consummo,) e muito estimado em Lisboa nas melhores mezas. D'onde resulta, que os conselhos dos Srs. Verissimos, e Forrester, para que se colha a azeitona á mão com escadas, não é um sonho, nem o resultado d'experiencias por elles feitas no seu jardimsinho, ou no seu quintal (como avança o Sr. Lavrador); nem é tão pouco um argumento de menor para maior; fica a ser um argumento de paridade, e de analogia: — assim como no districto de Castello Branco se desfructam á mão centos, e centos de milhares de oliveiras com escadas, assim na provincia de Traz-os-Montes se póde introduzir a mesma pratica.

Vejamos como argumenta contra isto o Sr. Lavrador — «Quem collocado no meio d'essas veigas do «mais forte olivedo, cercado de olivaes infindos, «quem haveria, que no meio d'este oceano de azei«tonas, se atrevesse a aconselhar, que se colhessem á «mão!! quando logo, que chega a maturação.... «lavrador precisa de juntar 30 e mais operarios, que «pelo systema das varas gastam mezes! e que seria «se fossem apanhadas á mão sobre a arvore!!.. pare«ce que o Sr. Verissimo falla para quem tiver menos «de um moinho! n'essa hypothese, sim, julgamos exe«quivel a sua doctrina; mas se o lavrador tiver du«zentos, ou mais moinhos!!?»

O Sr. Lavrador de Traz-os-Montes julga-se auctorisado a chamar oceano d'azeitonas aos olivaes de sua provincia. 1.° porque o lavrador necessita de juntar um rancho de 30, ou mais operarios para o varejo — 2.° porque a colheita á mão só póde ter logar para quem tiver um moinho, (isto é 6 até 7 cantaros de azeite), *quando alli ha quem colha* 200, *e mais moinhos, ou moeduras*. Pelas mesmas razões, eu posso denominar oceano d'azeitonas ao olivedo da Beira-baixa. — Ha por aqui quem emprega na colheita d'azeitona mais de cem operarios, e não acaba esse serviço em menos de 2 até 3 mezes. — Ha muitos lavradores, que trazem ranchos de 50 até 60 pessoas, e centos d'elles que colhem a sua azeitona com 20 até 30 individuos. — Ha tambem quem colha de mil até perto de tres mil alqueires de azeite; — varios proprietarios recolhem 500 até 600 alqueires: — e muitos ha, que teem os seus 300 alqueires de azeite. — Ora todos usam da pratica de colher a azeitona á mão com escadas; grandes, e pequenos lavradores. O varejo não só deteriora a qualidade do azeite, mas damnifica as oliveiras. — Diccionario de Soares Franco já citado. — Oliveira — Cap. 2.° secção 3.ª — «D'aqui se deve con«cluir quão absurdo é o custume de varejar as olivei«ras; as pancadas, e a queda precipitada pizam for«temente as azeitonas, que depois facilmente apo«drecem; apanhar á mão as azeitonas é uma operara «ção muito melhor, tanto para as oliveiras, como pa«as azeitonas. — A bondade do azeite de Aix depende «do modo de apanhar as azeitonas á mão, deitam-se em «taboado, e em camada de pouca altura, onde se demora «24 até 48 horas, e logo se vão moer.» — No Cap. 10.° «cada folha na sua baze conserva, e alimenta um «gomo folear, ou fructifero; a infancia d'estes dura «quasi dois annos. — O varejo estraga muitos d'estes, «e por consequencia não deve haver fructo no anno «seguinte. — Demais a casca de muitos ramos fica pi«zada, e contundida, e por isso muitos d'elles sec«cam, e morrem«. — Diz Dalla-Bella Mem. sobre a cul«tura das oliveiras parte 3.ª cap. 4.° — «No estio não «subsistem sobre a oliveira senão duas porções de paus «guarnecidos de folhas, isto é, o pau de dois annos, «que por então é pau de fructo; e o pau do mesmo «anno, que se carrega de flores em abril e maio se«guinte.» — Ora bem patente fica, que varejando nós em novembro, dezembro e janeiro, esses raminhos, sendo quebrados, não florecerão na proxima primavera, e então não haverá fructo. —

Diga-me, Sr. Lavrador, uma vara mui grossa, e comprida, puxada por dois vigorosos braços d'um asselvajado camponio contra essa arvore, symbolo da paz, e que elle quer despojar do fructo, no menor tempo possivel, e quantas vezes ao desafio com os outros trabalhadores!! pergunto, essa vara não deitará abaixo muitos mais ramos e raminhos, do que a mão do trabalhador, que vae colhendo a azeitona de ramo em ramo, applicando-lhe uma escada?! Ora, mesmo, quando o que colhe á mão quebrasse um ramo, (o que ás vezes succede, e não costuma ser a miudo,) esse, porque ha-de conter maior copia de raminhos do que toda a arvore!? Porque logica a parte ha-de contér mais gomos fructiferos, do que o todo? Demais esse supposto ramo quebrado sendo cortado com a podôa, e alisado o golpe, nenhum prejuizo causa á arvore; outro visinho o substitue. Nas margens do Zezere, concelho do Fundão, costumam os azeitoneiros levar um pau com certo gancho, com que chamam a si os ramos desviados para os colherem. — Olhe-se para uma oliveira varejada, ver-se-ha despida de folhas, apresen-

tando o aspecto de um esqueleto; olhe-se para a oliveira colhida á mão, e ver-se ha bem provida de ramos, cheia de vida, e de belleza.

Eis-aqui o que a esse respeito diz o Sr. Lavrador de Traz-os-Montes. — «Alguns querem, que o que«bramento de pequenos ramos causado pelas varas, «em vez de prejudicial, seja util; consideram-no co«mo uma poda. (Ora isto em verdade lá lhe pareceu «de mais, e accrescenta) Conhecemos, que uma vare«jadura feita por homens asselvajados, que deixe as «oliveiras em arvores seccas, será prejudiciallissima; «mas a presença do dono deve obstar: e se nós dei«xamos a diligencia á descripção dos rusticos, maior «será o estrago, que causarão colhendo a azeitona á «mão, do que com a mesma vara, porque puxarão «pelos ramos, e quebral-os-hão, não esses raminhos, «que a vara quebra, mas sim grandes ramos.» — A sua asserção affronta o senso commum; e a razão que dá escandalisa. Encontra a doctrina de todos os agronomos, que acima deixo transcripta em resumo; e não me leve a mal, que lhe diga, que este seu gabado methodo de varejo é bem similhante ao dos selvagens de que nos falla Montesquieu: «que para colherem o fructo cortam a arvore pelo pé.» Basta de varejo, que até no papel me enoja, e arrepia.

Mas pelo que leio no artigo, a fl. 331 — Cultura das oliveiras — o Sr. Lavrador crê pouco, ou nada na poda e limpesa das olivairas; pois escreve assim — «Responderemos, que a theoria de obrigal-as «a crescer de um determinado modo, de uma fór«ma differente da natural seria impraticavel, e quan«do não seria, prejudicialissima.« — Só poderá ser com thesoura de jardineiro.

Em qualquer tratado de cultura d'oliveiras, ahi na memoria de Dalla-Bella pag. 3.ª achará o Sr. Lavrador explicação minuciosa e clara do que pergunta. A sua mesma experiencia lhe terá ensinado os effeitos da poda. Dirija-se esta com o intuito de as tornar aptas, e commodas para serem colhidas á mão; o que não se consegue com a thesoura do jardineiro. Não queremos sujeitar a arvore, que vive em liberdade nos campos ao martirio, e tractos da arvore de jardins. Ajudem por meio da poda a sua forma natural arredondada; e quando a sua summidade (vulgarmente cocoruto) vai crescendo muito para o alto, cortemo-l-a. Se da copa da arvore sahem alguns ramos alterando e desmanchando a forma orbicular da Oliveira sejão necessariamente amputados. Aqui temos escadas de 20 e 30 degráos, que alcançam á maior altura das Oliveiras; e se algumas ha tão elevadas e empertigadas nos profundos valles, apenas lhes varejamos os altos e apanhamos a maior parte dellas á mão. Nem ha razão, para que se trate mal toda a arvore, só por que se não pode fazer o beneficio da colheita á mão a toda ella.

Passemos agora a analysar o que o Sr. Lavrador diz a respeito da entulhação d'azeitona: diz cousas, que oiço por cá dizer a alguns do vulgo; mas, que ainda não li em agronomo algum; coisas que se eu não arreceara offender o amor proprio do Sr. Lavrador e mesmo o seu patriotismo, que o move (assim como a mim), a entrar nesta discussão, eu classificaria de absurdas. — Ei-las ahi — «A aseitona junta na tulha «pela qualidade oleosa, que possue, nem *apodrece*, «nem *fermenta*; pelo menos não exhala máu cheiro; «nem azeda, expele a agua ruça, e fica só a polpa «impregnada de azeite: — e como a putrefação ou se«não dá, ou se se dá não lhe destroe algumas das «suas qualidades oleaginosas. etc.»

Eu não presumo, que o Sr. Lavrador intente fazer retrogradar a sciencia agronomica, nem que seja destituido dos conhecimentos desta bella sciencia; mas o que sustento, e vou demonstrar, é que as suas asserções a este proposito estão em contradicção com o principios e experiencias, que trazem os distinctos agronomos: — entre muitos Dalla-bella — e seu annotador Trigozo, — Dicc. extrahido de Rosiers por Soares Franco etc.; e que era mister, que o Sr. Lavrador em vez de asserções tão contrarias á sciencia, nos appresentasse experiencias feitas com exacção, pois em quanto assim o não fizer, não espere, que a sua doctrina se propague em menoscabo das bellas experiencias de sabios accreditados, e dos sensatos Lavradores, que observam, e refletem.

Diz o cit. Dicc. extrahido de Rosiers, Oliveira, — Cap. 2.° secc. 3.ª — «A casca é que conserva os fruc«tos. . . . . Se a tirarmos, aquelles se alteram em ra«zão do contacto do ar, e por tempo se corrompem. «D'aqui se deve concluir quão absurdo é varejar as «Oliveiras, as pancadas e a queda, precipitada pi«zão fortemente as azeitonas, que depois disto facil«mente apodrecem. — No Cap. 10.°: a azeitona pizada, «e metida nas tulhas por muitos dias fermenta, e o «seu azeite sahe rançozo. — No Cap. 2.° secc. 3.ª — «é um defeito maior. . . . . lançar em monte as azei«tonas desde o primeiro dia da apanha até o fim, «menos mal seria, se as azeitonas estivessem muito «estendidas. — Com o proprio pezo vão calcando umas «sobre as outras. . . . . O calor e a fermentação se de«senvolvem; e Rosiers diz, que se o não experimen«tára, não crera que eram tão fortes. Poz um ther«mometro de Reaumur em uma tulha; no fim de 15 «dias o calor chegava a 36.°» Ora nas dornas d'elvas nos annos em que a fermentação foi mais tumultuosa, nunca o calor subio a mais de 20.° — «Rosier «mandou ao lagar estas azeitonas, e a sua baganha «lançava um cheiro vinozo, e picante; havia entre «ellas camadas de bolor; o azeite que se tirou foi mui«to máu. Que devemos pensar das azeitonas, que es«tão nas tulhas mezes inteiros!! Roziers verificou por «si mesmo, que o methodo vulgar dava más conse«quencias. Diz mais — o fumo, que sahe do monte «das azeitonas, quando se remechem, designa que «a fermentação é já muito forte e que o oleo está al«terado. Mais — diz que a bondade do azeite de Aix «depende. . . . do pouco tempo, que medea entre a «apanha e a moedura etc. Neste mesmo sentido, e «theor escreve Dalla-Bella na sua memoria da manufa«tura do azeite. — Então a sciencia estabelece uma «propozição inteiramente contraria á do Sr. Lavrador «de Traz-os-Montes. — *A azeitona junta na tulha apo«drece e fermenta quando ahi se demora, e resulta «della azeite de má qualidade, e exhala aeiro vicio«zo, e picante.*» — Ora se é agradavel o cheiro ou desagradavel isso não questiono eu; póde agradar ao Sr. Lavrador; assim como o do tabaco não me agrada a mim, e é summamente grato a muita gente.

Dalla-Bella mostra muito bem que d'azeitona amontoada sahe d'envolta com agua ruça algum azeite; e o calorico produz a exhalação do azeite, o que elle demonstra com experiencias bem terminantes.

A 2.ª asserção do Sr. Lavrador, é — « a azeitona « aquece é verdade, é isto um facto, mas é uma « condição, sine qua non, d'ella fundir em azeite.— « Aqui (em Tras-os-Montes) espera-se, que a azeitona « aqueça a fim de começar e feitura do azeite.» — Ora a sciencia estabelece sobre boas experiencias a asserção opposta á do Sr. Lavrador. — O facto d'aquecer, e fermentar a azeitona diminue a quantidade, e deteriora a qualidade do azeite. — O Sr. Lavrador entende que destroe esta asserção, — quando diz, — « a « experiencia diuturna tem mostrado aqui, que quan- « do se não desenvolve o calorico nas tulhas, rende « muito menos azeite; (e para confirmar isto diz) que « um moinho tirado *d'azeitona calidissima* dá o do- « bro do azeite, que produz o moinho d'azeitona do « pobre, a qual está bem arrumada, e bem arejada.»

Ora Sr. Lavrador, a razão por que lhe dá maior porção d'azeite essa moedura d'azeitona, tiradas d'uma tulha muito quente, grande e alta é bem obvia. E' porque quando tem medido 32 alqueires dessa azeitona em torrão e bolorenta, leva alli mais de 48 alqueires d'azeitonas; — quero dizer para fazer esse moinho de 32 alqueires seriam necessarios 48 alqueires pelo menos d'azeitonas frescas, que pela demora na tulha se reduzem a muito menor volume, já pela almofeira, que vae sahindo dellas, como pela evaporação, como tambem pela compressão etc. etc. Por tanto a apparencia o illude. Ora faça o Sr. Lavrador a seguinte experiencia, e talvez depois mude de opinião.

Meça para uma tulha 5 ou 6 moinhos no 1.º e 2º. dia da colheita, meça outra tanta tambem acabada de apanhar, — leve uma destas porções logo a moer, — e mande a outra porção no fim de 5 mezes, e veja qual lhe dá mais e melhor azeite. Faça a experiencia só com a mira na verdade, — seja a azeitona d'ambas as porções de boa funda, d'igual medida; e feita no mesmo lagar. Eu tenho feito por vezes esta experiencia e achei que se perde um decimo do azeite demorando-se a azeitona na tulha mais de um mez, e tão perfeitamente estou convencido da vantajem e conveniencia de moer a azeitona assim que se vae colhendo; que no meu lagar faço primeiro a minha azeitona que a dos freguezes, contra a pratica de quazi todos os donos de lagar. As minuciosas e exactas experiencias de Dalla-Bella neste objecto nos arredores de Coimbra provam o que levo dito. O Sr. Lavrador de Tras-os-Montes me releve a vehemencia e calor com que tenho impugnado suas doctrinas; bem vê que não posso ter animo de offender uma pessoa que se acha envolvida no mysterioso anonimo. E seja quem fôr acceite a minha consideração e estima.

Castello Branco 10 de fevereiro de 1845.

Fernando da Costa Cardozo Pacheco e Ornellas.

VANTAGENS DAS EXPOSIÇÕES.

3953 O INSTITUTO americano, que só conta vinte annos de existencia, e já encerra mais de 1300 socios, homens dos mais illustres nas sciencias, nas artes e em todos os ramos da agricultura theorica e pratica, é talvez a corporação que maiores serviços tem feito aos Estados-Unidos pelo impulso dado á industria, diffundindo por todos os meios os conhecimentos uteis e os novos descobrimentos por entre as classes dos mechanicos e agricultores.

Em outubro passado fez esta nobre corporação a sua XVII exposição de novos inventos, de machinas aperfeiçoadas, de utensilios domesticos, e instrumentos mechanicos, e de agricultura de todas as variedades, e de objectos de manufacturas do paiz, principiando nos pannos finissimos de lã, velludos, e fitas de seda, até os bonitos de Natal para as creanças, e os presentinhos de estrêas para o dia do anno bom.

A exposição fez-se como nos annos precedentes em Nova-York.

Dos jornaes americanos e principalmente do *New-York Weekly Sun* colligimos os factos seguintes, que poderão sugerir porventura alguma idéa proveitosa á benemerita sociedade portugueza promotora da industria.

Os objectos expostos, sem contar as muitas e differentes producções d'agricultura, passaram de tres mil. Mais de 400:000 pessoas visitaram a exposição, dando uma receita de obra de duzentos mil crusados. Nos dias 17 e 18 de outubro houve grande assembléa (*Mass-meeting*) nas casas do instituto dos cultivadores da seda, onde se tomaram varias resoluções para animar este importantissimo ramo de industria. Mais de 300 pessoas d'entre as mais notaveis dos Estados-Unidos assistiram áquella funcção.

Na noite de 22 do mesmo mez, depois de uma eloquente allocução do Exm.º Sr. General *Tallmadge*, presidente do instituto, fez-se no meio de um immenso concurso de povo, a solemne distribuição dos premios, consistentes em 32 medalhas d'oiro, 110 medalhas de prata, e mais de 300 diplomas honorificos.

Na repartição d'horti-agricultura distribuiram-se os premios seguintes. Pelos melhores garanhões (cavallos para casta) 2 medalhas de prata e 5 diplomas. Pelas melhores eguas 2 medalhas de prata e 2 diplomas. Pelas melhores mulas 1 medalha de prata e dois diplomas. Pelos melhores bois, vaccas e vitellas 6 medalhas de prata e 12 diplomas. Carneiros e merinós 5 medalhas de prata e 16 diplomas. Gallinhas, perús, patos etc. 2 medalhas de prata e 5 diplomas. Queijo, manteiga e leite 2 medalhas de prata e 2 diplomas. Para um immenso numero de differentes producções d'horti-agricultura 25 medalhas de prata e 69 diplomas. Para novos instrumenos d'agricultura ou aperfeiçoados, como charruas, cultivadores, excavadores, descascadores de milho, machinas para migar palha, vegetaes etc., etc., duas medalhas d'oiro, 21 de prata e 71 diplomas.

Taes são os meios, com que uma nação, que ha só 70 annos não chegava a 4 milhões de individuos, e que agora conta 20 milhões de povoação sem ter um exercito regular de tropas, nem um exercito de diplomaticos, taes são os meios, com os que essa grande nação está completando a obra da sua verdadeira independencia. —— *L. W. Tinelli*

QUESTÃO SOBRE ANDAR CERTA OU ERRADA A PASCHOA D'ESTE ANNO.

[*Carta.*]

Lisboa 16 de fevereiro de 1845.

3954 TENDO eu ouvido dizer a varias pessoas que a folhinha do presente anno de 1845 dava a festa de Paschoa 8 dias antes d'aquelle em que devia ter logar, julguei que era um gracejo, mas como houvesse quem me affirmasse que na verdade a folhinha estava errada, quiz indagar a verdade, e eis o que pude saber.

No Manuel d'applications mathématiques usuelles

et amusantes, par T. Richard, 2.ª edition, achei, no artigo Calendrier.

« La chose la plus importante à connaitre pour former um calendrier, est la date paschale, car le jour « de Pâques une fois déterminé, les fêtes mobiles sont « connues et déterminées. Le concile de Nicée a ordonné qu'on célébrerait la fête de Pâques le dimanche qui suit la pleine lune de l'équinoxe du printemps; elle peut être célébrée 35 jours différens, « toujours compris entre le 22 mars et le 25 avril. » Em seguida tracta o auctor da *formula* porque se determina aquella festa movel.

Na « Encycopedie des jeunes étudiants et des gens du monde, ou dictionnaire raisonné des connaissances humaines, des mœurs et des passions, » li eu, na palavra Calendrier, —

« Pâques, de l'hebreu pesach, passage; nom que « les Israelites donnaient à l'agneau, en mémoire du « passage de la mer Rouge. C'était la plus grand fête « chez les juifs; c'est aussi la plus grande chez les « chrétiens. «

« Suivant le concile de Nicée, la pâques chrétienne « doit se célébrer le dimanche après la pleine lune « qui suit l'équinoxe du printemps (21 mars). Si la « pleine lune arrivait le dimanche même, ce dimanche ne serait pas paschal; l'Eglise cependant ne suit « pas rigoureusement cette lettre: l'année 1825 la « fête de Pâques fut celebrée le jour même de la pleine lune, qui eut lieu le 3 avril, à 6 heures, 32 « min. du matin; mais on eût pu répondre aux opposans que l'on était encore dans l'esprit de l'ordonnance, puisque les prières n'ont eu lieu qu'aprés la pleine lune, ou au moins une ou deux heures après, et « cette célébration concordait ainsi parfaitement avec « les mouvements célestes. Il faut bien que ce raisonnement ait prévalu, puisque la Pâques fut célebrée « partout le même jour et sans opposition.

« La fete de Pâques tombe toujours, le plus tôt possible, le 22 mars, le plus tard possible, le 25 avril (espace de 34 jours).

« L'équinoxe étant fixé au 21 mars, Pâques ne peut « arriver que le 22; mais si le 22 est um lundi, « Pâques peut arriver au plus tôt le 28. Si la pleine « lune a lieu avant l'équinoxe, Pâques ne tombera « que la pleine lune suivante, sur le milieu d'avril; « si la pleine lune avait lieu le lundi, Pâques ne serait célebré que le dimanche suivant. »

« La fête de Pâques est arrivée le 22 mars, em 1598, « 1693, 1818. Elle arrivera le même jour en 2285, « 2437, 2505. Pâques tomba le 25 avril en 1546, « 1666, 1734; elle tombera le même jour en 1886, « 1943, 2038, 2190.

A folhinha do P. Vicente Ferreira dá a Paschoa a 23 de março, e n'este mesmo dia é a lua cheia ás 7 horas e 42 minutos da tarde conforme a dicta folhinha. Não se dá pois a mesma circumstancia do anno de 1825. A' vista de tudo quanto fica dicto, penso que effectivamente a Paschoa n'este anno se devia celebrar a 30 de março. *Antonio Jorge da Silva.*

Consultando sobre estas duvidas ao muito instruido Sr. P. J. Ilsey tivemos d'elle a seguinte resposta:

Lisboa 18 de fevereiro de 1845.

Tendo-se suscitado algumas duvidas ácerca do tempo em que se deve celebrar a Paschoa do anno corrente, parece-me acertado expôr a regra que sobre este ponto foi estabelecida pelo Papa Victor I no anno 198, a qual foi adoptada pelo Concilio Ecumenico de Nicéa em 325. Bastará a simples exposição d'esta regra para fazer desapparecer todas estas duvidas, e vindicar os trabalhos dos calendaristas. — E' a seguinte. *A Paschoa celebrar-se-ha no Domingo que segue o decimo-quarto dia da lua, depois do equinocio vernal.* D'esta regra se segue que, além da lunação de janeiro a qual se compõe da Epacta, quando ha, e a differença entre ella e trinta, deve haver duas, e quando a epacta fôr grande, tres lunações e quatorze dias antes do Domingo de Paschoa. Se o decimo-quarto dia da lua cair no Domingo, claro é que o Domingo seguinte será o de Paschoa. No anno corrente a epacta é 22, e a lunação de janeiro acabou no dia 8 d'aquelle mez. A segunda lunação que consta de vinte e nove dias acabou no dia seis de fevereiro. A terceira, que é de trinta, acabará no dia 8 de março. Contando d'este dia achamos que o decimo-quarto dia da lua cae no Sabbado 22, e logo que o dia de Paschoa é Domingo 23.

Persuado-me que aquellas pessoas que inconsideramente arguiam de sonhadores todos os calendaristas do mundo, e entre elles o nosso Padre Vicente Ferreira que tão boas folhinhas nos tem dado, se fundam na errada supposição, colhida talvez d'algum dos cento e um encyclopedistas francezas, que o Domingo de Paschoa deve ser o que segue a lua cheia que occorre depois do equinocio vernal, quando a regra adoptada pelo concilio, e seguida sem embaraço por quatorze seculos não falla senão de quatorze dias.

O P. José Ilsley.

A EGREJA ROMANA RECONHECIDA SUPERIOR PELO PROPRIO LUTHERO.

3955 Houve um zeloso escriptor que se lembrou de fazer uma obra, por onde se viessem a abrir os olhos a muitos christãos dissidentes de boa fé (se os ha) e que ao mesmo tempo desse armas novas ao verdadeiro clero catholico para vencer os obstinados. Tem esta obra por titulo: *Convicção intima do doctor Martinho Luthero, ácerca da egreja catholica e seus dogmas.* E' uma curiosa compilação de excerptos fielmente colhidos dos escriptos impressos e authenticos d'aquelle heresiarcha, traduzidos do allemão para francez. Não virá desaceita uma breve amostra de tão instructiva obra (qual a colhemos de um livrinho francez, de conhecido merito, impresso nos fins do anno passado) agora que é praso do anno consagrado á doctrinação religiosa, e agora sobre tudo que andam audacissimos em seu apostolar, com a bolsa britanica na mão, em logar do crucifixo, os falsos sacerdotes e doctores do christianismo terrestre.

Luthero, tomo 1.º, folhas 165: edição de Iena.

« Não consente duvida que a romana egreja leva primasia a todas as mais em jerarchia e dignidade: por « ter sido n'ella que estiveram S. Pedro e S. Paulo « e 46 papas; por ter sido n'ella que derramaram o sangue muitos milhares de martyres, e n'ella terem « sido vencidos o mundo e o inferno. Por onde facilmente se compreende o porque Deus lhe concede « attenção especialissima.

Luth., tom. IV. fol. 320: escripto em 1528 onze annos depois da pseudo reformação: edição já citada.

« Confessamos que o papismo possue o maior nume-

« ro dos bens que faz o christianismo; que até os pos-
« sue todos e que d'elle é que nós outros os recebe-
« mos. Confessamos que é elle quem tem a verdadei-
« ra escriptura sancta, o verdadeiro Sanctissimo Sa-
« cramento da Eucharistia, as verdadeiras chaves pa-
« ra a remissão dos peccados, a verdadeira pregação
« do Evangelho, o verdadeiro cathecismo, a saber,
« os dez mandamentos, o symbolo, o *pater-noster*, etc.

« Digo que sob o papa se acham os verdadeiros chris-
« tãos, o verdadeiro rebanho escolhido, e muitas al-
« mas pias e grandes sanctos. Se pois a verdadeira
« christandade sob o papa se acha, deve ser aquelle
« o verdadeiro corpo composto dos verdadeiros mem-
« bros de Jesu-Christo: e sendo o seu corpo, tem tam-
« bem o seu espirito, o seu evangelho, a sua fé,
« o seu baptismo, os seus sacramentos, as suas cha-
« ves, a sua pregação evangelica, a sua oração, as
« suas escripturas, e tudo o que pertence ao chris-
« tianismo.

Luth., tom. VIII., *folhas* 169 *mesma edição; n'um sermão sobre o capitulo* 16 *de S. João, prégado em* 1538; *isto é* 21 *annos depois de começada a reformação.*

« A verdade é que os papistas teem a palavra de
« Deus e o ministerio apostolico; e que nós recebe-
« mos d'elles as sanctas escripturas, o baptismo, os
« sacramentos e a prégação. Que saberiamos nós de
« to das estas coisas se d'elles não tivessemos aprendi-
« do? D'aqui segue-se que a fé, a egreja christã, e
« o Espirito Sancto lá se devem achar.

Luth., 1541, *isto é cinco annos antes de morrer, tom.* VIII. *folhas* 416: *mesma edição.*

« Eis o porque a sancta egreja não póde sofrer men-
« tira, nem doctrina alguma falsa. Convem que a egre-
« ja não ensine senão a divina palavra, e que seja
« verdadeiramente o que deve ser, *scilicet*, o funda-
« mento e a columna da verdade, edificada sobre a
« pedra sancta e inabalavel: ou que seja como se diz
« e com razão *infallivel*, pois que a palavra de Deus
« que ella ensina, é *infallivel*.

Luth., Sermonario, t. 1, *fl.* 92, *edição de Witemberg*, 1530.

« Aquelle que pertende conhecer a Jesu Christo e á
« sua doctrina não se ha-de fiar em si proprio nem
« querer por via do seu intendimento fazer ponte para
« o céu: mas deve procurar a egreja, visital-a e con-
« sultal-a: porque fóra da egreja christã não ha ver-
« dade nem salvação.

Luth. t. 1, *fl.* 144, *edição de Iena. Já em* 1518 *Luthero fazia acto de submissão ao papa.*

« Declaro eu perante Deus e os sanctos que nunca
« foi minha vontade oppor-me de véras á egreja roma-
« na, nem atacar, de modo algum, o poder de Vos-
« sa Santidade. Confesso francamente que o poder d'es-
« sa egreja se estende sobre todas as outras egrejas e
« que nem no céu nem na terra, afóra N. S. Jesu
« Christo, ha coisa que se lhe possa comparar. Pelo
« que rogo a Vossa Sanctidade que não dê credito aos
« calumniadores que fallam diversamente a respeito
« de Luthero.

Folhas 58.

« Intimamente estou convencido de que a voz de Vos-
« sa Santidade é a voz de Jesu-Christo que por ella
« falla e obra.»

« Sustentem lá ainda se pódem a verdade, a efficacia, a utilidade da reforma?! »

Para os interessados em conhecer a obra franceza de que se extraiu esta diminuta amostra, aqui pomos o titulo por onde a podem procurar, — *Conviction intime du docteur Martin Luther, relativement à l'Eglise catholique et à ses dogmes.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DR. JORGE DE CABEDO.

2 DE MARÇO DE 1602.

9356 Falleceu n'este dia carregado de annos, de honras e de grande merito, um homem digno da honorifica menção que d'elle existe nos fastos da nossa historia politica e litteraria o dezembargador Jorge Cabedo.

Como homem de letras, foi um dos redactores das actuaes ordenações do reino, e auctor de varios tractados de direito, ainda hoje citados e seguidos no nosso fôro.

Como homem d'estado exerceu os mais altos cargos d'este reino: foi Chanceller-mór do reino, membro do conselho d'estado, guarda-mór da Torre do Tombo, dezembargador do paço, procurador da corôa, commendador e cavalheiro de todas as ordens militares, etc.

O seu nome será sempre citado e commemorado com muita honra para Portugal, que muitos servicos lhe deve. *L. I. da S.*

NOTICIAS.

BAPTISMO DA SR.ª INFANTE.

3957 A Sr.ª Infante recém-nascida foi baptisada a 20 do passado, particularmente no oratorio do Paço, em Belem, em presença de ElRei e de SS. AA., o Principe Real e Srs. Infantes D. Luiz duque do Porto, do Sr. D. João duque de Beja, da Sr.ª Infante D. Maria Anna, e das Sr.as Infantes D. Isabel Maria e D. Anna de Jesus Maria, pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha pondo-se-lhe o nome de Antonia Maria Fernanda Michaella Gabriella Raphaella de Assis Gonzaga Silveria Julia Augusta de Bragança e Bourbon Saxe Cobourg Gotta: foi padrinho S. A. o Principe Real o Sr. D. Pedro de Alcantara, e Madrinha S. A. R. a S.ª princeza de Kohary, mãe de ElRei, e tocou com procuração sua, a Sr.ª Infante D. Anna de Jesus Maria.

Consta que a ceremonia do baptismo será feita com a maior pompa na egreja de Belem, quando S. M. a Rainha estiver plenamente restabelecida.

NAVEGAÇÃO DO TEJO.

3958 Saiu á luz um folheto de 130 paginas de oitavo intitulado — «Documentos relativos á navegação do rio Tejo, e exame das diversas propostas apresentadas para este fim ao governo de Sua Magestade Fidelissima por D. Manuel Bermudez de Castro.

Bom é que assim se vão apresentando ao jury publico os documentos de que elle a final possa colher

com acerto a opinião que a final ha-de ter ácerca d'este importantissimo objecto, já mui tractado sim, em artigos ephemeros; mas ainda não até agora, confessâmol-o, com a necessaria placidez, que é filha e mãe da convicção.

PEDRADA ANIMAL.

3959 No beneficio ultimo de Madame *Rossi*, em que a Lucia foi enterrada em flores, versos e pateadas, estava no camarote do governo civil o Sr. G.. empregado do mesmo governo, conversando animadamente com outro amigo e com os olhos fitos sobre a cara d'elle no momento, em que de involta com os sonetos e ramalhetes choviam das torrinhas os torcazes e as rolas. Um pombo de boa marca com o impulso que lhe haviam imprimido e com o que provavelmente lhe dava o seu proprio terror, no meio de um espectaculo tão novo para elle e tão estrepitoso, entra pelo camarote, e encontra de lado o rosto do Sr. G.... Caem-lhe as cangalhas espedaçadas e elle leva de repente as mãos aos olhos, exclamando consternado, — «¡ estou cego!..... apedrejam-nos o camarote!....

Felizmente todo o seu mal se redusiu ao susto: logo que tornou a abrir os olhos conheceu, que não estava redusido a só ouvir Madame Rossi; mas que poderia ainda ver Madame Mabille (a qual (*entre parenthesis*) já apareceu, não nos pertencendo a nós entre no exame das variantes que a este respeito correm.)

Quem desejar saber o que val ter olhos póde-o perguntar agora ao Sr. G...

OBSEQUIOS A MADAME ROSSI.

3960 Entre os muitos que recebeu esta perigrina artista no seu beneficio de 22 do passado sobresaíu, em nosso intender, o seguinte sonelo italiano, escripto segundo nos consta, pelo Sr. Antonio José Viale, portuguez distinctissimo pela grande copia e variedade dos seus conhecimentos e pela perfeição e facilidade, com que versifica na sua lingua, na italiana, na franceza, na latina e na grega.

ALL' EGREGIA CANTATRICE
SIGNORA ROSSI-CASSIA
Plauso del Publico Portoghese

Sacrossi, é un anno ormai, sú queste scene
A Te un'inno, un voto, in Toschi accenti:
E l'inno e il voto rimembriam contenti,
Che delusa non fú la nostra spene.
Avido intanto di gioir tal bene,
Ammirar di tua voce i bei portenti
Giá l'Ibera credea.... Tu non consenti
Del Tago abbandonar le piaggie amene....
E invidioso ancor freme l'Ibero....
E ancor ci bei o ROSSI, e ci ristori
Qualunque affano piú cocente e fiero.
Gradisci adunque i meritati onori
Che si rendono a Te dal Tago al Duero
— E palme, e lieti augurj, e plausi, e fiori. —

A RAINHA E A AVENTUREIRA.

ANNUNCIO.

3961 Esta producção, toda nacional e portugueza, que o publico de Lisboa acolheu com tamanha benignidade, concorrendo ao theatro normal, aonde as enchentes forão repetidas, e completas; e manifestando a mais solemne approvação ao juizo do conservatorio real que a primeara; — vae ser publicada, a instancias.

Um prologo, em que se ventilam questões de arte; discursos de alguns litteratos, e notas illustrativas completarão um nitido e grosso volume em 8.º francez, passado pela prensa hydraulica: papel superior, e typo escolhido.

Assigna-se e vende-se na imprensa da Silva, rua dos Douradores n.º 41 T., e na loja da Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1. — Preço 480 réis pagos á entrega do exemplar.

ELOGIO FUNEBRE DE UMA SOGRA.

3962 Todos sabem que infinita quantidade de graciosos versos inspirou a D. Francisco de Quevedo, e a Thomaz Pinto Brandão, o teiró que ambos elles tinham ás suas sogras. Do segundo nos occorrem agora os primeiros oito versos de um soneto de pêsames a elrei D. João V

Nesta perda geral, magua commua,
A Vossa Magestade dar queria
Um pêsame, que fôra uma alegria,
A ser da minha sogra e não da sua.

Se a minha não ha morte que a conclua,
A sua, crer devemos com fé pia,
Que vestida e calçada aos céus iria
Como a minha aos infernos nua e crua.

Todas as pragas velhas de Pinto Brandão, e todas as castelhanas hiperboles de Quevedo contra as sogras, ficaram a perder de vista diante da prosa com que no dia 22 do passado em *Campanhã*, uma chamada *Anna* mulher de um *tal Canastra*, saíu á rua, ao passar para o cemiterio o saimento de sua sogra, a descompol-a de bebada, ladra, etc. e mandal-a para o inferno.

Esta scena escandalisou, diz um nosso correspondente, mas não admirou a ninguem apesar de nova.

EXECUÇÃO DE UM SOGRO.

3963 Ao odio brutal de uma nora contra sua sogra segue, por direita via, o odio assassino de um genro contra seu sogro. De tudo ha como sempre houve, e sempre provavelmente ha-de haver n'este pobre mundo.

Na ilha de S. Miguel, no logar dos *Ginetes*, amanheceu um dos dias do passado janeiro enforcado n'uma arvore, Bento de Almeida. A justiça descobriu o carrasco. Era o marido de sua propria filha. A desaventurada jaz ao desamparo entre seus filhos, orphãos como ella, e como ella carregados com uma herança de ignominia. As causas d'este horroroso attentado ficavam ainda por descobrir.

MACROBIO.

3964 No dia 4 do corrente falleceu na freguezia de Sancta Justa de Lisboa *José Vaz Martins* de 107 annos de edade menos 12 dias: era natural da serra da estrella: lia sem oculos, andava com firmeza e desempenho de um homem de 40 annos, era viuvo duas veses.

OUTRO.

3965 Na ilha de S. Miguel, no logar das Furnas, falleceu pouco ha — diz o Açoriano Oriental — um homem de 114 annos.

TROVADOR.

3966 Saiu á luz o n.º 4 do jornal de poesia publicado em Coimbra com o titulo de *Trovador*.

Contém *O Meu Berço Natal* pelo Sr. J. F. de Serpa: *Coimbra* pelo Sr. A. M. Couto Monteiro: *Julia* pelo Sr. A. Lima: *Invocação* pelo Sr. F.: *A' beira do Mondego* pelo Sr. J. de Lemos: *A Rosa* pelo Sr. A.

X. R. Cordeiro: *O Meu Livro Intimo* pelo Sr. A. Pereira da Cunha: *A Minha Amada* pelo Sr. A. Lima.

MORTE DE UM SALTEADOR.

3967 Lê-se nos *Pobres no Porto*: — Na manhã do dia 8 do corrente foram os officiaes de diligencias d'este juiso para prender José Ferreira, por alcunha o Lanzinha, morador no logar de Sernade, freguezia de Sant-Iago d'Antas, homem culpado em varias mortes, e um grande salteador, que tinha frequentado as estradas d'esta villa para o Porto e outras, com mais socios; cercada a casa do mesmo réu, elle presentiu, e se quiz evadir á força, dando com um bacamarte varios tiros para os officiaes, e estes para elle, sendo n'este conflicto morto o assassino á porta da casa com varios zagalotes que lhe atravessaram o peito; os officiaes nenhum perigo tiveram n'este incidente; n'essa manhã o juiz foi fazer o auto, e n'essa occasião notou-se que estando o cirurgião a examinar-lhe as feridas mettendo-lhe a tenta, a mulher do mesmo assassino, juncto do morto estava com muito sangue frio a vêr o exame sem lançar uma só lagrima.

ENTRUDO EM CELORICO-DE-BASTOS.

3968 Escrevem de Celorico-de-Bastos ao P. dos Pobres no Porto a 5: — «Hontem pelas 11 horas da noite deram um tiro em um homem, que durou até ás dez da manhã de hoje, tendo-lhe sido as tripas cravadas de quartos, zagalotes, e chumbo. Os assassinos fugiram.»

«Houve emfim por differentes partes muitas pancadas.»

«Eis o resultado da brincadeira do entrudo n'esta villa.»

CASAS DE JOGO.

3969 As saudaveis providencias policiaes contra a peste dos jogos defesos, que tão accesa andava e tantas ruinas de mulheres e filhos, tantos roubos e tantos suicidios tinha já causado, essas bemdictas providencias parece terem produsido em geral o seu effeito.

Das numerosas espeluncas de mau jogo affirma-se que pouquissimas ha já, e essas mais continuazes não terão remedio senão desapparecerem tambem a final como as demais.

No domingo 16 do corrente foi assaltada uma na *rua nova de S. Domingos* e n'ella tomados em flagrante e presos 26 individuos, tendo muitos outros logrado escapar-se por portas travessas no momento da accommettida.

Os prezos foram ao outro dia entregues á justiça.

SOCIEDADES.

3970 Auspicioso em summo grau é o crescimento que vae levando em toda a parte do reino o moderno, creador e regenerador espirito de associação. Não haverá dentro em pouco interesse algum real que elle não tenha abraçado.

A ilha Terceira appresenta n'este sentido um quadro sobre modo animador. Eis-aqui uma sinopse das suas sociedades. Sociedade promotora da cultura de multicaules e mamoneiras, extracção do oleo d'estas e fabrico da seda: — Sociedade para uma caixa economica: — Sociedade dos *bons desejos*, destinada a fins utilissimos taes como estabelecer uma bibliotheca, formar um monte pio de lavradores; asylos de mendicidade; promover a agricultura, commercio e industria da ilha: — Tres sociedades litterarias — *recreio litterario*, — *desejo de instrucção*, e *escholastica angrense*: — Sociedade de proprietarios para a exportação da laranja: — Tres sociedades theatraes — *angrense* — *quatro de abril* — *e recreio de artifices*: — Duas sociedades para convivencia, a assembléa *angrense*, e a *castellense*: — e uma sociedade philarmonica.

GEOGRAPHIA E CHRONOLOGIA.

3971 Ha seis mezes que n'este jornal annunciámos dois escriptos de muita valia, fructo das eruditas pennas dos Srs. Cardoso, e Doria, professores do lyceu nacional de Coimbra; com muita satisfação fallamos agora de outro livro util, *Elementos de Geographia e Chronologia*, do Sr. Dr. Carneiro, benemerito professor do mesmo lyceu, já conhecido na republica das lettras pela sua *Poetica*: obra annunciada no artigo 3932.

A composição de tres compendios em tão limitado espaço bem prova o desvélo, com que estes professores se empenham na boa cultura, e progresso das lettras patrias.

São em verdade os compendios bem ordenados o melhor plano de estudos, e, n'esta época de tão frivolas e mesquinhas composições, os presentes de maior preço, que se podem offerecer á mocidade estudiosa. Já temos muitos, mas ainda carecemos de alguns muito necessarios.

Possam tão nobres exemplos despertar de sua indifferença e tibiesa muitos professores dignissimos, que ainda não pagaram á sua patria divida tão sagrada.

Dos motivos, que levaram o Sr. Dr. Carneiro a escrever os seus *Elementos*, e dos subsidios, a que se elle soccorreu, nos dá noticia no prólogo, que por sua brevidade e importancia para aqui trasladamos.

«A sciencia *geographica e chronologica*, apezar de já «mui rica de muitos e bons *livros* nacionaes e estra«nhos, ainda, a nosso vêr, está carecente de *um*, que «tenha a fórma, natureza, e precisa extensão de *com»pendio*, accommodado assim aos conhecimentos e ca«pacidade de todos os que são obrigados a estudal-a «para cursar outras aulas, como ao pouco tempo de«putado para o ensino *d'ella*. N'esta convicção, dé«mo-nos ao trabalho de compôr *este*, que, segundo a «ultima reforma dos estudos, addicionámos depois «com alguma coisa de *geographia commercial*. Perfei«to não sairá elle, mas, novo no systema, é ao mes«mo tempo simples e compreensivel.»

«Das varias obras, que tivemos de consultar, as *Li«ções Elementares de Geographia e Chronologia* (do Sr. «*Sacra Familia*), edição de Coimbra; *Atlas de Geo«graphie Universelle, d'après MM. Arago, A. Balbi*, «*Bougainville, Cook*, etc., são as de que mais parti«cularmente nos servimos.»

«Válha isto, ao menos, de incentivo, e sempre nos «ficará a gloria de ter sido util ás *eschólas*.»

R. de Gusmão.

NAUFRAGIO.

3972 N'um dos dias do corrente, no sitio do *Senhor da Pedra*, em Mattosinhos, restitue o mar um barco de pescaria, que se lhe havia entregue com seis

pessoas; mas restitue-o virado, com a vella rôta e vasio. Dos seis pescadores, dois unicos appareceram depois, e ambos defunctos; — pae e filho.

EXEMPLO DE AMOR PATRIO.

3973 Começou-se em S. Miguel no areal de S. Francisco, não sem muita alegria e gratidão dos insulanos, por diligencias e á custa do digno Par, o Sr. Duarte Borges da Camara, o fabrico de uma dóca. Feitas que sejam assim as primeiras varas d'ella, continuará a obra até se rematar por conta do publico, para o que se obrigou o benemerito governador civil d'aquelle districto.

CAUTELLAS COM ARMAS DE FOGO.

3974 Indo o capitão do navio Minerva, na Foz a montar a cavallo para ir á caça, descarregou-se-lhe uma pistola que levava na algibeira: e a balla lhe varou o ventre; está para morrer.

ESTUDOS DE CIVILIDADE.

3975 Poz-se á venda em Lisboa nas lojas de Bordallo e Marques; e no Porto na de Cruz Coutinho, por 480 réis, um volume de perto de 200 paginas, de oitavo, intitulado *Manual de civilidade e etiqueta para uso da mocidade portugueza e brasileira, pelo cavalheiro* * * *.

A sua epigraphe é esta da traducção do Waverley do Sr. *Ramalho*: — »..... talvez um verdadeiro erro não cause em certos animos sentimento tão vivo de vergonha e remorso, como o que se apodera de um moço modesto, sensivel e inexperiente quando tem faltado á etiqueta ou incorrido na zombaria. «

A esse mal que não é pequeno é que o auctor procurou applicar e applicou remedio, dando, em linguagem clara, desenfastiada e persuasiva, as regras da cortezia para todas as circumstancias da vida, regras que muita gente levantada do pó por uma phantasia subita da fortuna a cada passo infringe sem querer, com muita vergonha sua e não sem incommodo para os outros.

De boa mente dariamos, d'este bom livro algum excerpto para amostra, se para tanto houveramos campo: como o não havemos copiamos o indice das suas materias.

Prefação — observações geraes sobre a etiqueta — introducções e apresentações — cartas de introducção e recommendação — casamentos — jantares — tabaquistas — fumantes — trajos e modas de homens — trajos e modas de senhoras — bailes — conversação — visitas — jogos — theatros — tractamentos — brazão — honras funebres — pesames e luto — pensamentos e maximas.

FESTEJAVEL RESSURREIÇÃO.

3976 O Sr. José da Silva Carvalho começa finalmente a recobrar a vida, que vinte dias lhe andou, arca por arca, em medonha lucta com molestia mais possante, segundo suas mostras, do que toda a medicina. Será uma cura esta, dizem os peritos, digna de ficar registada nos annaes da sciencia, para credito dos facultativos que lhe assistiram, e para consolativa esperança de enfermos nos lances mais apertados.

NECROLOGIO ARISTOCRATICO.

SR.ª D. ANNA DA CAMARA LEME.

3977 Ha dores tão fundas na vida, que se intalham no coração para nunca d'alli se varrerem: dores que é preciso contar a todos, para que todos lhes paguem o seu tributo de uma lagrima sentida, — embora a lagrima as não mitigue, embora se expraie n'ellas, como o orvalho da aurora sobre as aguas do mar.

A Illm.ª e Exm.ª Sr. D. Anna da Camara Leme, filha dos Illm.os e Exm.os Srs. João de Carvalhal Esmeraldo da Camara Leme, e D. Thereza Xavier Botelho, foi accomettida, quasi de repente, por uma enfermidade, que apresentou, desde logo os mais funestos simptomas.

Nem os cuidados mais extremosos, nem os esforços que a medicina esgotou para salval-a, nem aquelle vigor, que, ainda ha pouco, lhe sorria nas faces, valeram contra a morte, que a ceifou, como a flor, que vae a desabrochar.

Nasceu a 21 de septembro de 1826, morreu a 17 de fevereiro de 1845, — tinha desoito annos! — e jaz no cemiterio dos *prazeres*, aonde um numerosissimo cortejo correu a depor-lhe sobre a campa uma saudade pelas suas virtudes, e um testimunho de respeito pela sua nobresa.

Foi uma estrella formosa, que sulcou o horisonte, sumiu-se entre as nuvens e foi brilhar engastada no throno do Eterno. *P. da C.*

NECROLOGIO POLITICO E SCIENTIFICO.

3978 A 16 do corrente falleceu na sua caza de Alemquer o nosso collaborador e amigo o Sr. Doctor Bento Pereira do Carmo, do conselho de S. M., ex-magistrado, ex-presidente da Relação de Lisboa, ex-deputado, ex-prefeito do districto de Lisboa, e ex-ministro dos negocios do reino, e ministro honorario. Tudo renunciára havia annos para se entregar exclusivamente á cultura das suas amplas propriedades e á do seu amplissimo espirito pelo estudo da historia e das boas-artes.

Deve ter deixado manuscriptos valiosos. Era um dos poucos crentes e honradores da linguagem e tambem da gloria portugueza.

NECROLOGIO MILITAR.

CONDE D'AVILLEZ.

3979 O cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres resplandecia pelo fim da manhã de 17 do passado com toda a tropa disponivel da guarnição da capital, no maior aceio, com a prezença de generaes, pares do reino, deputados, ministros de estado, fidalguia e cidadãos conspicuos de todas as classes. As bandas marciaes faziam retinir as suas toadas funebres por entre o eterno silencio d'aquellas pedras, d'aquelle cyprestal nascente e d'aquella ermida, contínuo diversorio, onde um momento vão poisar os que todos os dias se abalam d'este mundo para o invisivel. Dava-se á terra o corpo de um militar valoroso; e cuja espada, desembainhada para a campanha peninsular, nunca desde então até aos ultimos combates dos nossos dias deixou de brilhar no campo e de assignalar-se por valentia. As mil condecorações, o condado e o pariato ella foi que lh'os grangeou: mas tudo quanto lhe ella obteve e ella mesma tambem, agora pela primeira restituida á bainha, desappareceram debaixo da terra!

O nome de *Jorge d'Avillez* não se dissipará tão depressa como o fumo da ultima salva, com que o exercito e os canhões no campo do repouso se despediram do companheiro fiel e valoroso dos seus trabalhos!

NECROLOGIO FORENSE.

3980 Em consequencia de um phtisica bronchial antiga e aggravada com o excesso do trabalho, falle-

ceu a 10 do corrente e a 11 foi dado á terra no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres, o Sr. Francisco José Caldas Aulete com sós 46 annos de edade. Era contador da Relação d'esta cidade, solicitador da Caza Real e da familia imperial do Brazil, de S. A. a Sr.ª D. Isabel Maria, e de muitas casas titulares do reino.

O que o publico, desta cidade lhe deveu e o que ainda lhe viria a dever por parte de edificações e alindamentos materiaes já largamente o conhecem nossos leitores pelos artigos 174 da 1.º volume, e 974, 1006 e 1176 do 2.º.

O seu predio urbano-rustico entre a *calçada do duque* e a *da gloria* é realmente um monumento do que póde a perseverança quando se reune ao bom gosto e a uma sagacidade não vulgar.

Deixa no lucto uma familia estimavel, oito filhos e uma viuva ornada de todas as virtudes moraes e christãs.

UM LIVRO UTIL E AGRADAVEL.

3981 Obras, e exemplos de subido zêlo, e patriotismo vão semeados bastantes em differentes numeros *Revista Universal* para de persi darem ao Sr. José Silvestre Ribeiro sobrenome de illustrissimo em virtudes, e merecimentos; mas não toca sem duvida o ultimo logar ao trabalho a que poz peito de escrever varios tractados de proveitossissima doctrina: e o bem vistos, e estimados que são os que sairam ha algum tempo a lume devidos, como estes, que agora saem, ao laborioso e erudito empregado no governo civil de Angra, o Sr. Felix José da Costa: é mais que sufficiente prova de que não quiz aquelle tão verdadeiro portuguez, que lhe devessemos menos por se us escriptos, que por suas acções.

Em duas partes se divide esta importante conlleção. — E' a primeira um claro, facil, e mui proficuo artigo em que longamente se expendem melhoramentos de que carece o districto de Angra, e os meios de os effeituar; que elle colheu com muito estudo, e fervor, e dispoz com ordem, e curiosidade. Como as fadas encerram grande, ou toda a parte de seus feitiços em um novello; o nosso auctor faz consistir a baze de similhantes melhorias no trabalho. «Se quereis, diz elle, ter estradas, canaes, postos, trabalhae. Se industria, agricula, e commercio, trabalhai. Se quereis verificar emfim todos os elementos da publica prosperidade, trabalhai com aturado fervor.» E de feito são estas verdades cridas, e conhecidas; e não ha muito que abraçadas pelo Principe de Joinville, em uma sua memoria sobre o estado das forças navaes da França, qnando confessa, que, no objecto de que tracta, como em todos os de mais, para fazer o bem é forçoso tractar-se d'elle, e tractar-se seriamente.

A segunda parte é um ensaio (assim denominado pela modestia de seu auctor) sobre a divina comedia de Dante, em que os conhecimentos profundos do Sr. Ribeiro transluzem, com vantagem porventura a todos os outros seus escriptos, e que elle enriqueceu com annotações de inestimavel valia.

As muitas partes, que ninguem ignora ter este benemerito varão para illustrar, não só desempenhar o que entre mãos toma dispensam nos de recommendar a todos os contrastes de bons livros a leitura d'este, e muito mais de os prevenirmos, que o interesse, e importancia da primeira parte, a sciencia, e engenho da segunda, a viveza de estilo, que em embas se encontra, senão excede, não discrepa um apice do que se deve esperar do Sr. José Silvestre Ribeiro. Se o parecer dos doutos, que consultamos, e a nossa pobrissima litteratura alguma coisa valem, — a obra é de estremado merecimento, e o Sr. Felix José da Costa acredor de encomios por nos ter liberalisado similhante thesoiro; e cabe aqui declararmos, aos que de tudo mal ajuizam, que a nenhum d'estes Senhores temos a honra, e gosto de conhecer.

J. C. M.

TRAGICOMEDIA N'UM PATEO.

3982 Sao os *pateos* uma especie de ilhas encobertas, que ainda se encontram (posto já foram em maior numero) no meio d'este *mare magnum* de ruas e gente, chamado capital. Raras pessoas conhecem dos pateos mais do que o nome e quando muito o arco ou porta externa de algum d'elles: são os verdadeiros *mysterios de Lisboa*. N'um labirintho mais ou menos amplo de barracas, paredeiros, possilgas, ruinas e entulhos, vive um formigueiro humano, onde a miseria, o vicio e o crime se revesam, se perpetuam, e permutam entre si os seus reflexos escuros e aborrecidos; — alli o sol não penetra senão a custo; a civilisação nada; a religião com a tumba, e a policia em algum caso extremo. São em menor ponto mas são a *Cour des miracles* de Victor Hugo e *Alsace* de Walter Scott.

Um d'estes pateos que ainda ha poucos annos assim era (vede o artigo 974) e que ainda hoje apesar de se lhe haverem transformado as circumvisinhanças, talvez não desdiga inteiramente do seu primitivo ser, é o chamado do Penalva, na *calçada do duque*.

Uma scena entre silvestre e ridicula passou n'este pateo n'um dos dias anteriores ao entrudo ultimo.

Um judeu official de torneiro morador n'uma d'aquellas baiucas havia estreado os seus amores com certa mocetona, de quem vivia muito bem correspondido. Cançado da sua felicidade, ou embellecado por novos feitiços, pouco a pouco se fôra desviando d'ella até a sacrificar de todo á irmã de um cabo de vigia. Não havia razão porque á segunda não tocasse ao menos uma pequena amostra do acontecido á primeira: o nosso rabinico Lovelace entre as suas caladas meditações ao tornear tinteiros de pau do ar, lembrou-se de seu millessimo avô Lamech, o inventor da polygamia, depois de sua centessima avó Sara, que teve em casa a Agar, e depois tambem de Lia que fôra coesposa com sua irmã Rachel do Sancto Jacob; finalmente que os tincteiros se tinham inventado para escrever e os corações das amantes para perdoar. Escreveu, tornou a ser attendido, e assim vivia na data da nossa historia como um verdadeiro Lamech, volteando de um para outro amor perfeito, sem dizer a nenhum d'onde vinha nem para onde tornava; leal e desleal a ambas, e só fiel ao seu tôrno nos dias de semana, nos domingos aos seus divertimentos, e ao systema de dissimulação de que lhe era indispensavel usar para illudir e desfructar a ambas; n'este dia dava funcção rija no seu tugurio; congregara mais visinhos do que n'elle cabiam, havia *balancé* de cavaquinho e flauta, e petisco de figado e salada.

O pateo resoava alegre como aldêa em vespera do

seu orago: a primeira amante fasia as honras da casa com uma graça especial, que em parte lhe provinha do sentimento da sua felicidade. A rival não fóra convidada. Pelas oito horas, começando a faltar o vinho sem cujo espirito brevemente a alampada do festêjo se apagaria: ofereceu-se ella mesma para ir fóra buscal-o: uma das damas da companhia lhe disputou o gôsto de a servir; tomou-lhe das mãos as garrafas, e já ia partir para a taberna quando a interina dona da casa, para a livrar do ar da noite que estava fria e ventosa, lhe lançou pela cabeça o seu proprio chaile: — saíu a hospeda e a porta fechou-se.

Chegada ao portal do pateo é a subitas investida por uma leôa em figura de mulher zelosa; era a coitada da excluida, a namorada n.º 2, que alli tinha vindo postar-se, á espera de que por este ou por outro qualquer modo a fortuna lhe deparasse ás mãos a sua rival: das garrafas tirou a primeira inferencia de que era ella; o chaile acabou de a confirmar n'esta illusão, que um rosto meio embuçado e no escuro lhe não podia destruir; tomou-a de improviso, vergou-a para baixo de si, metteu-lhe a cabeça entre os seus joelhos, levantou-lhe as roupas, sacou de um tamanco e principiou a açoital-a com toda a furia que os zelos podem dar a quem anda de tamancos.

A sua victima entretanto, quasi de todo sopeada nos movimentos, o mais a que chegava, era a tocar-lhe zabumba com duas garrafas nos quadris e a roer-lhe por dentro uma das pernas com o que só conseguia tornar cada vez mais estrondosos e amiudados os açoites; ao som d'elles que não ao das vozes, pois nenhuma se ouvia, accudiu a gente do baile e a da visinhança. Soltou-se a victima — e no conhecimento do *qui pro quo* novas iras se alevantaram. O irmão da agressora brandia a sua ferrugenta; o torneiro uma tranca; os convidados eram pelo dono da caza e pela açoitada, mas a catana e a auctoridade de cabo de vigia, *Dieu et mon droit*, eram pela agressora. Houve uma batalha de selvagens e amasonas: houve feridas e gritos: accudiram patrulhas, tudo foi preso; tudo n'essa noite dormiu no corpo da guarda. As horas do somno fiseram o seu officio que é dar bom conselho; pela manhã no juizo de policia correccional não houve nenhum queixoso.

Cada um attribuiu as suas feridas a uma causa diversa anterior e de todo indiferente ao successo da vespera. Da policia correccional foram para a taberna todos sellar as pazes — ¿Todos? — não. Dois faltavam ahi. O hebreu e a vingativa, que desappareceram ambos juntos, e dos quaes parece que ainda até hoje se não tornou a saber no pateo nova alguma.

EMPRASADO.

3983 Um caso extraordinario acaba de acontecer na ilha de S. Miguel.

Um lavrador honrado do logar de *Arrifes*, por nome *José de Sousa Massa*, tendo vindo com o seu carro á cidade, entrou na taberna de um chamado *Lysandro* seu conhecido e freguez: bebeu regalando generoso aos que se achavam presentes, mas quando foi a pagar achou que lhe minguavam 30 réis para a conta; despediu-se, dizendo ao vendeiro:

— Os 30$000 que lhe fico devendo, á tornada lh'os pagarei.

Passam poucos dias, e é citado pelo seu credor de 30 réis perante o juiz de paz para lhe satisfazer 30$000 réis. Acóde ao chamamento; conta singelo o succedido, mas a parte adversa apresenta testimunhas da confissão do réo. — Não se conciliam. Passa o negocio ao contencioso: — *Massa* é condemnado: paga, mas ao pagar, dirige ao miseravel abusador da boa fé estas palavras solemnes: —

— « A justiça cumpriu com o seu dever que julgou pelas provas; eu cumpro com o meu obedecendo á sentença, mas appello para o tribunal divino; lá irás dar contas do credito e da fazenda de que me despojas. »

Passados poucos dias morre o lavrador de repente andando a trabalhar n'uma sua fazenda; e 24 horas depois expira o taberneiro.

¿¡Foi méro acaso!? mas todo o povo o tomou por um acto providencial para desafronta, punição e escarmento. ¿Quem poderia demonstrar que o povo se enganou? E' um d'aquelles factos que deixam muito que meditar, e cuja meditação, ainda intertecida de duvidas, redunda sempre em beneficio da moral; é por isso que as duas mestras da vida, a historia e, depois d'ella, a poesia se não teem desdenhado de registar e repetir ao genero-humano um cardume de analogos successos d'esta especie; todos certos, todos grandes, todos temerosos, todos instructivos.

Dois fidalgos da casa dos Carvajales, falsamente accusados de crime grave e julgados sem ser ouvidos, foram mandados por elrei D. Fernando I de Castella e Leão despenhar de um rochedo: citaram ao iniquo juiz para comparecer dentro em trinta dias na divina presença; e dentro em trinta dias era elrei defuncto.

Um templario caminhando para o supplicio com os seus confrades e vendo no seu trânsito estarem-se a uma janella o papa Clemente VI e Filipe, o *formoso*, de França, auctores da sua tragedia, appellou de ambos para o juiz superior para dentro dentro de anno e dia; e dentro de anno e dia, Filipe e Clemente tinham partido.

Para o termo de um anno emprazou um cavalleiro austriaco ao duque reinante de Austria, Rodolfo, que o mandava lançar a um rio. « Bem está — lhe respondeu o duque rindo — lá nos veremos; porém vae tu adiante. » E com o anno, expirou o duque.

Francisco, duque da Bretanha, mandou prender a um irmão pelo supposto crime de lesa magestade, ordenando que no carcere lhe dessem a morte. O réo innocente encarregou ao frade, com quem fez a sua ultima confissão, que fosse da sua parte ao duque certefical-o de que sem culpa o havia punido, e que em quarenta dias lhe havia de dar satisfacção no outro mundo. Adoece o duque, aggrava-se o mal, e no dia quadragesimo precisamente, expede a alma.

Um governador de uma praça de Flandres, emprasado por um capitão, a quem mandava enforcassem n'uma arvore, foi na mesma arvore enforcado antes que um anno se devolvesse.

As sagradas paginas estão como as profanas cheias de exemplos identicos ou analogos.

ERRATUM.

A pag. 353 — col. 1.ª lin. 23 onde está *gerebão* deve estar — *uraebão*, que é o verdadeiro nome da planta conhecida tambem pelo nome de *verbena*, ou *verbena officinalis*.